

A ESTÉTICA DA VIOLÊNCIA NA FOTOGRAFIA DO NOTÍCIAS POPULARES

Fabiano Silvestre *

Desde a antiguidade a violência é tratada pelo mundo dos homens, seja através da mitologia, seja pelos meios naturais, de forma bizarra e dantesca. Basta ver um acidente de automóvel ou alguém baleado que um sem número de pessoas pára para olhar e comentar. O apelo pela morte, ou mais notadamente, o medo dela é mais do que nunca uma questão social, uma questão humana. Com a evolução da humanidade e avanço dos meios midiáticos houve a desterritorialização dessa plataforma visual. Antes o olhar era natural, sem filtros, sem intermediários: o homem e o objeto.

Com o advento da fotografia, esse desejo pelo olhar mórbido e seus efeitos passam pelo olhar crítico do fotógrafo, pelas lentes da câmera e suas potencialidades tecnológicas. Com o uso da luz e da velocidade do diafragma da câmera, o fotógrafo ambientaliza a foto criando uma situação mais propícia para a interpretação do leitor. O editor de imagem, profundo conhecedor da linha editorial do jornal e, por sua vez, do seu público alvo, escolhe a foto que melhor comunica o fato jornalístico, através da comunicação imagético-fotográfica. Criou-se então a estética da violência.

Algumas fotografias que serão expostas têm a mais clara identificação com a mitologia e sua lógica no imaginário coletivo. A linha editorial do veículo NP sabia como ninguém explorar essa mítica. Cérbero, personagem mitológico apresentado abaixo e referenciado com foto exemplificativa é um cão monstruoso, de múltiplas cabeças (três, cinquenta, cem), com cauda de dragão, e o dorso eriçado de cabeças de serpente. Proíbe que os vivos entrem no inferno, e que os



Foto: Sem crédito
8 maio de 1986/NP

* Fabiano Silvestre é jornalista com especialização em jornalismo científico (Lajor).

mortos saiam. O *Cão de Hades* simboliza o *terror da morte* entre aqueles que temem os Infernos. Mais ainda, simboliza os próprios infernos e o *inferno interior* de cada ser humano.¹ (Chevalier e Gheerbrant, 1998).

O jornal tinha como sua espinha dorsal o tripé sexo, bizarrice e violência. Sob essa lógica de trabalho eram pautadas as matérias e as fotos. Todos os fotógrafos conheciam como ninguém o mundo cão das ruas e esse exercício pela procura do mórbido era diário.

A exploração da imagem do ser humano em situação depreciativa, humilhante, tinha espaço garantido nas manchetes do veículo, que muitas vezes eram até desnecessárias. A foto já era suficiente para que o interpretante decodificasse o signo. A presença do negro, do pobre, das minorias étnicas e homossexuais era apresentada de forma sub-humana.



Foto: J. Luis da Conceição
06 nov 1986/NP



Foto: João Lourenço
28 abril 1986/ NP

A analogia imediata que se faz com o desejo do inconsciente coletivo em encontrar controles sociais e culturais, antes através da mitologia e na atualidade pelas lentes do fotógrafo, tem a intensa e discreta manifestação de perpetuar o mito. Hoje a imagem perpetua o mito. A estética fotográfica ajuda a formar novos objetos mitológicos. Afrodite (Vênus) - deusa da mais sedutora beleza, cujo culto, de origem asiática, é celebrado em numerosos santuários da Grécia, principalmente na ilha de Citera. Filha do sêmen de Urano (o Céu) derramado no mar, após a castração do Céu por seu filho Cronos (daí a lenda do nascimento de Afrodite, que surge da espuma do mar); esposa de Hefestos, o Coxo, por ela

¹ CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 12. ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1998.

ridicularizado em várias ocasiões. Simboliza *as forças irreprimíveis da fecundidade*, não em seus frutos, mas no desejo apaixonado que acende entre os vivos. (Chevalier e Gheerbrant, 1998) ²

O Jornal *Notícias Populares* tinha um baixíssimo número de assinantes. Seus leitores eram basicamente operários, que compravam os exemplares nas bancas, a caminho do trabalho, utilizando transporte público. Nesse itinerário queriam obter informação sobre crime, violência, cotidiano, ou o simples prazer de perceber o alheio e se identificar com os fatos ali relatados.

Nas fotos estudadas se faz claro o entendimento de Koury quando da citação "a ilusão de imaginar que o mundo real não se encontra externo, porém interno à imagem" (Koury, 1998: 64).³

A população, assombrada com tanta violência, procura nas páginas do NP e nas fotos do veículo uma fuga do real. A transcendência da verdade. Da realidade do bairro, da violência das ruas, de sua própria enfermidade. O que o indivíduo procura na fotografia do NP é justamente uma realidade pior que a sua própria realidade, num desejo desesperado de encontrar motivos para continuar fazendo sua vida valer a pena, fazer o seu cotidiano, apesar de intragável, prosseguir.

A criminalidade também era bastante explorada pelo NP. A imagem fotográfica dos bandidos lhes fazia parecer piores do que eram na vida real. Eram criados nomes como "Homem Diabo", "Capeta", "Matador de Guarulhos" e outros para identificar figuras que, segundo os próprios fotógrafos, nem eram tão perigosos assim. A busca pelo sensacional e pelo aumento da tiragem do jornal e de sua comercialização fazia com que essas atitudes editoriais fossem tomadas, conforme foto abaixo:

² CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

³ KOURY, Mauro. "Fotografia, sentimento e morte no Brasil", in: KOURY, Mauro org. *Imagens e Ciências Sociais*, João Pessoa : EdUFPB, 1998.

Esse envolvimento que o receptor cria com a imagem e a interação que a captação fotográfica produz trazem todas as condições estético-comunicativas para que esse elemento condutor se produza. A mola-mestra é a comunicação e nesse caso signos, símbolos e interpretantes têm em comum a interpretação plena, ora como objeto fotográfico, ora como receptor analítico (leitor).



Foto: J. L Conceição
17 novembro 1986/NP

Segundo Aumont, as imagens dos espaços representados fazem fluir temporalidades diversas, experiências compartilhadas como significativas, sutis cumplicidades e nesse *puzzle* figurativo, narram o grupo, produzem um sentido singular do grupo. (Aumont, 1999:247).⁴ Essa simbiose interpretativa faz com que o receptor se veja no palco da cena, se sinta virtualmente ligado aos acontecimentos, sem os danos da violência. A estética não dói. A tragédia do cotidiano, sim.

A estética e a ética na fotografia

"O comportamento humano prático-moral, ainda que sujeito a variação de uma época para outra e de uma sociedade para outra, remonta até a própria origem do homem como um ser social" (Sanchez Vasquez, 1998)⁵

A violência existe em todas as partes e em todos os cantos do mundo. O problema é a banalização dessa violência. A estética fotográfica e seu uso bem dosado têm cunho informativo e ético, porém à medida que ela é usada sem critério, sem análise e apenas enfatizando fins comerciais se torna um problema, pois a repetição cotidiana dessa violência no receptor faz com que este entenda a violência como algo normal.

⁴ AUMONT, Jacques. *A imagem*, São Paulo : Papirus, 1999.

⁵ Sanchez Vasquez, Adolfo, *Ética*, Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1998

Vivemos em uma sociedade cada vez mais mediatizada.

Muito embora no mundo moderno a noção de corpo se construa através de referentes relativos ao corpo como átomo, divisa, fronteira, clausura do sujeito, ou seja, um corpo definido como unidade (Le Breton, 1990), quando se trata das práticas de violência, observamos que essa noção de corpo assume outros significados.

Os signos indiciais do corpo extrapolam o próprio corpo produzindo, fazendo circular referentes simbólicos da rua, do bairro, da cidade.⁶



Foto: J.M Silva
06 novembro 1986/NP

Espreme que sai sangue

É importante entender o NP como um veículo com uma comunicação visual muito particular e intensa. Apesar disso, os editores de imagem não usavam fotos sangrentas em cores. As fotos mais violentas eram usadas em tamanho menor que as menos violentas e normalmente colocadas nas páginas internas.

As fotos coloridas eram usadas para mostrar "A gata do mês". Diversas atrizes famosas

que atuam em novelas da atualidade posaram nuas em fotos do *Notícias Populares*.



Incendiado o Bandido no Metrô da Sé
Foto: J.M. Silva
29 abril 1986/NP

Quando Barthes (1984: 15) afirma que "a fotografia traz sempre consigo seu referente, ambos atingidos pela imobilidade amorosa ou fúnebre, no âmago do mundo em movimento: estão colados um ao outro, membro por membro..."⁷, demonstra claramente a razão desse ambiente de imagem, sempre conflituoso,

⁶ BRETON, David. *Antropologie du corps et modernité*, Paris : Sociologie d'aujourd'hui, 1990.

⁷ BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*, Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984.

ora ressaltando a podridão social e a convalescença humana, ora expondo o olhar irrequieto do fotógrafo. Grande parte das vezes o olhar do fotógrafo é completamente diferente do ímpeto do receptor; este vaga pela imagem, interage, possui tempo para degustar essa visão, tem tempo para reflexão. O fotógrafo tem a fração de segundo que corresponde ao clique. Esse "namoro visual" dura muitas vezes centésimos de segundo. O instinto do fotógrafo realiza a fotografia e o sabor finalizado desse trabalho fica para o interpretante avaliar.

O fotógrafo é um artista da imagem, rico em sensações, nobre em suas percepções. Sua arte é valorizada no mundo inteiro. Esse trabalho documenta a sociedade em que vivemos, atribui valores ao ser humano que nem mesmo ele sabe. A estética da imagem faz com que o homem contemporâneo se conheça melhor, tenha uma visão de si e do mundo que habita e isso é primordial. Mesmo através de fotos sensacionalistas, violentas o fotógrafo cumpre o seu dever denunciativo, e essa documentação passa a ter uma dimensão muito mais construtiva quando imaginamos um mundo diferente do que aconteceu no passado. Através da humanidade documentada pelas lentes fotográficas, podemos reconhecer nossos erros e estabelecer um destino mais justo, equilibrado e humano.

Referências Bibliográficas

AUMONT, Jacques. **A imagem**. São Paulo : Papyrus, 1993.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984.

BRETON, David. **Antropologie du corps et modernité**. Paris : Sociologie d'aujourd'hui, 1990.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. 12. ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1998.

KOURY, Mauro. Fotografia, sentimento e morte no Brasil. In: KOURY, Mauro (Org.) **Imagens e ciências sociais**. João Pessoa : EdUFPB, 1998.

SANCHES VASQUEZ, Adolfo. **Ética**, Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1998.